



## EDITORIAL

# UMA MOITA DE BAMBU NÃO É NADA, JUNTANDO É UM BAMBUZAL\*

É assim que ecoam os sentimentos de tantas pessoas em movimento que vão se expandindo nesse Brasil pós-confinamento e com a pandemia aparentemente se abrandando. O isolamento compulsório nos tornou criativos e cheias de artimanhas para contornar a doença e a dificuldade de avançar as agendas por direitos humanos. É notório que, junto ao confinamento compulsório, esteve a continuidade do trabalho sem descanso e de subempregos, pelo pão de cada dia.

Num contexto assim, Terreiros e Quilombos se mexeram em solidariedade, buscando virar-se do avesso para a sobrevivência de si e das suas pessoas queridas. A dura realidade de reconhecer o assombro e atualização permanente do racismo estrutural não tem impedido jovens, mulheres e homens pretos e pretas de semear esperanças.

Quem está tendo a oportunidade de ler este Fala Egbé vai ver nos textos este pequeno cosmos de afirmação antirracista em movimento: mulheres de terreiros que se reúnem, mulheres quilombolas que se encontram,

jovens quilombolas que planejam ações, protestos e mobilizações por territórios. É guerra cotidiana - já dizem algumas - contra o ódio, a intolerância e o racismo religioso. É luto e luta, dizem outras, pelo constante enfrentamento das artimanhas - que reconceituam, criam barreiras administrativas, declaram inexistência - daqueles que querem aniquilar os quilombos no Brasil.

Territórios Negros é e seguirá sendo o sentido último de Egbé (do iorubá) para KOINONIA - lugar de constituir a produção e a reprodução da vida, de tal modo que será fonte permanente da minha identidade. Território não é só terra, é lugar, se diminuto será um território sonhado grande, desde que um dia possa acolher numa grande reparação a acolhida de todas as pessoas da comunidade: filhas, netas e bisnetas pertença ininterrupta de um fio de presenças histórico-culturais muito além de, um dia, alguém das raízes das árvores terem sido pessoas escravizadas.

**É todo dia um basta e a cada ano um grito!**

Esperamos um grito de basta das urnas em 2022! Candidaturas desses povos presentes! Projeto antifacista e antirracista vitorioso!

Recentemente aprovamos um novo plano de seis anos. Nossa vocação está viva no plano e nos relatos das nossas ações compartilhadas nesta publicação. Ali estamos e estaremos a ladear sujeitos, homens e mulheres, e a portar causas por democracia, ecumenismo anti-fundamentalista e justiça de gênero.

**Vamos juntas! Sejam bambuzal!**

\*O BAMBUZAL É NA TRADIÇÃO NAGÔ O ORIXÁ DANKÔ, DAS CALMARIAS E COISAS ÚLTIMAS - LUGAR DE ENCONTRO COM A ORIXÁ OYÁ OU IANSÃ EM SUA EMANAÇÃO BRANCA, DAS RADICALIDADES ENTRE MUNDOS, FORÇAS PRESENTES NAS VIBRAÇÕES DE FONTE BRANCA. DANKÔ USA BRANCO, É BAMBUZAL E SER DAS RADICALIDADES ÚLTIMAS EM FESTA COLETIVA - PARA MUITAS CASAS ESSA FONTE E OFAN NAGÔ É COLETIVIDADE RADICAL EM ALEGRIA, É SINCRETIZADA PROPOSITADAMENTE COM SÃO JOÃO.

# #SOMOS KOINONIA

## EIXO TEMÁTICO DIREITOS DAS COMUNIDADES NEGRAS TRADICIONAIS

Desenvolve projetos e atividades de fortalecimento político dos terreiros de candomblé e comunidades negras rurais, consistindo em formações a respeito de políticas e leis que lhes concernem; estímulo de intercâmbios de conhecimentos e experiências; produção conjunta de informação e análises; ações de inclusão produtiva; e promoção dos direitos das juventudes. Estas e outras iniciativas de KOINONIA são todas orientadas pelo eixo transversal “Ecumenismo, Superação da Intolerância Religiosa e Justiça de Gênero”, que visa promover necessária e simultaneamente o antirracismo, o ecumenismo, a liberdade religiosa e a igualdade de gênero.



## PRODUÇÃO DE INFORMAÇÃO/ DOCUMENTAÇÃO

Fala Egbé  
Cartilhas “Direitos”, “Violações” e  
“Elaboração de Projetos” para  
Comunidades Negras Tradicionais  
(CNT)  
Dossiê Intolerância Religiosa  
Site Observatório Quilombola  
Produção audiovisual sobre direitos  
das Comunidades Negras  
Tradicionais

## FORMAÇÃO E EMPODERAMENTO

Formação em direitos civis e políticos,  
econômicos, sociais, culturais,  
ambientais e territoriais para as  
comunidades, em especial jovens e  
mulheres  
Seminários e Intercâmbios  
Projetos socio culturais para ações  
locais  
Assessoria jurídica para causas  
coletivas  
Formação e legalização de associações

## INCIDÊNCIA PÚBLICA

Monitoramentos de processos  
jurídicos e administrativos  
envolvendo CNT  
Monitoramento das políticas públicas  
específicas  
Diálogo nas esferas governamentais,  
visando a garantia de direitos das  
CNT  
Produção de artigos, campanhas e  
ações de solidariedade em prol das  
CNT

# NOTÍCIAS E AÇÕES EM TERREIROS NA BAHIA

## SEMANA DE MOBILIZAÇÃO

Mesmo com a continuidade da pandemia de Covid 19, conseguimos marcar o 21 de janeiro com uma semana de atividades de resistência e ações de visibilidade a ampliação dos casos de racismo, ódio e intolerância religiosa. A Semana de Combate ao Racismo, Ódio e Intolerância Religiosa, entre 16 e 22 de janeiro, mobilizou igrejas e terreiros em torno do tema na Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

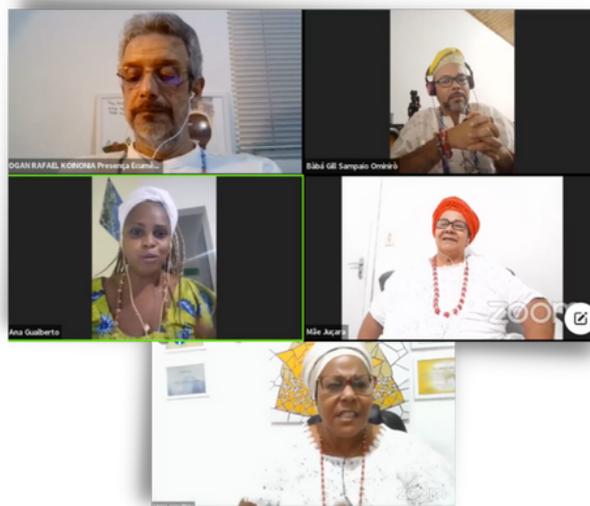
No dia 16, o Ilê Axé Ibá Lugan e a Rede Religiosa de Matriz Africana do Subúrbio (RREMAS) abriram a rodada de eventos debatendo o papel do Estado na garantia da livre manifestação religiosa, com a participação de Iyá Jacira de Iansã e de Egbom Silene Franco.

A Igreja do Rosário dos Pretos abordou a temática da intolerância religiosa com uma roda de conversa no dia 18. Por motivos de saúde, Iyá Márcia D’Ogun não pôde participar, sendo substituída pela diretora executiva de KOINONIA, Ana Gualberto.



No dia 20, o Ilê Axé Odé Ofá Aidan também promoveu um bate-papo, com foco no combate e na defesa em relação a crimes de intolerância religiosa.

No mesmo dia, KOINONIA promoveu uma roda de conversa virtual com lideranças da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Participaram Iyá Jaciara Ribeiro (Bahia), Babá Gil (São Paulo) e Iyá Juçara de Yemonjá (Rio de Janeiro), com mediação de Ana Gualberto e do diretor de KOINONIA, Rafael Soares.



ASSISTA EM  
[FACEBOOK.COM/KOINONIAPES](https://www.facebook.com/koinoniapes)



Para fechar a Semana com chave de ouro, KOINONIA, a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese), o Fórum Ecumênico ACT Brasil (Feact) e o Conselho Ecumênico Baiano de Igrejas Cristãs (Cebic) realizaram uma projeção em grandes muros de Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Imagens que simbolizam a diversidade de religiões no Brasil impactaram quem assistiu presencialmente ou de maneira online.

## PARQUE DO ABAETÉ

O mês de fevereiro foi marcado pela defesa as dunas do Abaeté. Foi apresentado pelo vereador Isnard Araújo (PL), o Projeto de Lei Nº 411/2021 que propunha alterar o nome das dunas do Abaeté para “Monte Santo Deus Proverá”. O projeto não chegou à votação após diversas manifestações públicas do povo de santo e de outros grupos defensores do Parque do Abaeté.



Para além da mudança do nome, está em curso o projeto desenvolvido pela prefeitura de Salvador para construção de uma casa de acolhimento a ser construída nas dunas, com intuito de receber os frequentadores neopentecostais, quando esses estiverem fazendo cultos no local.

A diferença nos temas dos protestos foi explicada por Ana Gualberto e Camila Chagas, advogada e educadora popular em KOINONIA. Elas debateram sobre as questões religiosas as-

sim como a questão de as dunas estarem localizadas em uma área de proteção ambiental e o fato de haver dois projetos paralelos, para além da construção de uma rede elevatória de esgoto a ser construída no local, que gera protestos desde 2020. A luta pela proteção do Parque das Dunas do Abaeté segue.



VEJA NO INSTAGRAM  
@KOINONIA\_PES

## REUNIR PARA FORTALECER

O mês de abril começou com a Primeira Reunião de Povo de Terreiro em Camamu com KOINONIA.

A atividade foi realizada na Casa de Ogum de Ronda e Caboclo Itaiguara, na comunidade do Acaraí. Estiveram presentes mais de 30 pessoas de quatro terreiros e um casal evangélico residente na comunidade que participa ativamente das atividades sociais realizadas no terreiro. A Articulação de Mulheres Negras do Baixo Sul (AMNBS) também esteve presente.

O tema principal do encontro foi o impacto do racismo, conhecer sobre políticas públicas e ações de fortalecimento dos direitos dos povos de terreiro enquanto comunidades negras tradicionais.



## CIRANDA DE ANTROPOLOGIA E DIREITO



O projeto Ciranda de Antropologia e Direito para Comunidades Negras Tradicionais realiza uma série de eventos virtuais, que ocorrem entre 04 de abril e 27 de junho. São sete encontros quinzenais às segundas-feiras, a partir de 19h, pela plataforma Zoom, com transmissão pelo Youtube de KOINONIA.

Entre os temas, estão o racismo, intolerância religiosa, racismo ambiental, regularização fundiária de terreiros e quilombos, Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil (MROSC) e patrimônio. A cada encontro um ou mais convidados apresentam e discutem um assunto. O projeto é desenvolvido em parceria com o Observa Baía (UFBA) e Comissão Especial de Combate à Intolerância Religiosa da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção do Estado da Bahia (OAB-BA).



ASSISTA NO YOUTUBE

/KOINONIAPRESEÇAECUMÊNICAESERVIÇO



## AUDIÊNCIA PÚBLICA

No dia 19 de abril KOINONIA esteve no Centro Cultural da Câmara de Vereadores de Salvador participando da Audiência Pública – Pelo Fortalecimento das religiões de Matriz Africana e a Defesa dos Direitos Humanos das Mulheres de terreiro, convocada pela Rede de Mulheres de Terreiro da Bahia. O evento foi marcado por falas de denúncia sobre as diversas situações de vulnerabilidade, crimes de ódio e intolerância religiosa, propostas para superação do racismo institucional e implementação real das políticas públicas já construídas.

## ENCONTRO DE NAÇÕES

O I Encontro de Segmentos de Matriz Africana foi promovido em 30 de abril, em Salvador, e teve como tema "Paó Malungos: viemos de longe, resistimos e aqui firmamos nossas tradições". O evento contou com representantes das nações ketu, angola, jeje e umbanda, que falaram sobre sua origem, história de suas casas e suas trajetórias como pessoas religiosas. Três grupos de trabalho discutiram e construíram propostas de ações sobre os temas: proteção ambiental, comunicação e geração de emprego e renda.

## ESCUITA SINODAL EM SALVADOR



A Arquidiocese de São Salvador realizou, nos dias 29 de abril e 05 de maio, dois encontros para escutar como as outras confissões religiosas veem a presença e atuação da Arquidiocese na cidade, como é possível melhorar e ampliar o diálogo e nas hipóteses de dificuldade, como superá-las? Os encontros, realizados no Centro Arquidiocesano de Pastoral da Cúria Bom Pastor, decorrem do processo de escuta da fase diocesana do Sínodo dos Bispos.

No dia 29 de abril, ocorreu o encontro com as religiões de matriz africana que, dentre as questões colocadas, falou sobre a importância do reconhecimento do sacerdócio das mulheres e homens de axé bem como a importância do respeito à diversidade religiosa como meio de superação da intolerância religiosa e dos fundamentalismos, sendo o diálogo respeitoso o caminho para convivência harmoniosa entre os credos.

No segundo encontro, realizado no dia 05 de maio, representantes das igrejas cristãs também

participaram do processo de escuta e dentre as questões colocadas, salientaram a importância da fala inclusiva e participação das mulheres, bem como a importância do trabalho pastoral de base e sua relevância para as pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social nas comunidades.

Os encontros foram conduzidos pelo vigário episcopal para pastoral, cónego Edson Menezes; pelo secretário para Pastoral, padre Ailan Simões Costa e pelo coordenador da Comissão Arquidiocesana para o Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso, padre Lázaro Muniz.

## SEMINÁRIO NO ILÊ AXÉ OXUM MADÊ

Representando KOINONIA, Ana Gualberto participou, no dia 06 de maio, de um seminário junto ao povo de santo dos municípios de São Francisco do Conde e Candeias. Em sua fala, Ana trouxe informações importantes sobre regularização jurídica de terreiros e sobre a participação em editais e projetos voltados ao povo de santo. O evento foi realizado no Ilê Axé Oxum Madê como parte das celebrações alusivas ao 13 de maio. Contou com a presença da ialorixá Jaciara Ribeiro, do Axé Abassá de Ogum, além de outras autoridades do candomblé e estudiosos.



## REGULARIZAÇÃO JURÍDICA EM PAUTA

No dia 12 de maio, ocorreu uma roda de diálogo com o tema “Regularização Jurídica para terreiros”, no Ilê Axé Aujin Tómi, em Salvador. Compareceram lideranças religiosas de matriz africana do bairro Boca da Mata de Valéria e adjacências, além dos filhos da casa de axé. Os participantes tiraram dúvidas sobre os tipos de personalidade jurídica que cabem a um terreiro e trocaram experiências a respeito da formalização

junto aos cartórios, prefeitura e Receita Federal.



# NOTÍCIAS E AÇÕES EM QUILOMBOS NA BAHIA

## ENCONTRO 8M: ATIVISMO E AUTOCUIDADO



O encontro sobre “Ativismo e Autocuidado” envolveram em torno de 100 mulheres e 50 jovens de 15 comunidades rurais negras e quilombolas de três municípios (Camamu, Igrapiúna e Ibirapitanga) do Baixo Sul da Bahia. O evento foi realizado no mercado de artesanato, no centro do município de Camamu, e contou com a presença dos sindicatos dos trabalhadores(as) rurais de Camamu e Igrapiúna, Rede de Mulheres Negras da Bahia e Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais (Sasop).

O evento propiciou o reencontro e o bem querer entre as mulheres quilombolas e de comunidades negras rurais que integram a Articulação de Mulheres Negras do Baixo Sul. Os momentos vivenciados pelo coletivo de mulheres neste evento propiciaram o aumento da afetividade entre elas, possibilitando a partilha de saberes e aprendizagens e o crescimento da autoestima, fatores importantes para a conquista do empoderamento.

O tema do “Ativismo, promoveu um importante debate sobre a importância da organização coletiva, da indignação, inquietações, reivindicação e reflexão sobre a importância luta das mulheres contra todos os tipos de violência, direitos e desigualdade vividas pelas mulheres.

O tema do “Autocuidado” trouxe a reflexão sobre o que é ser mulheres negra nesta sociedade racista e machista, revelou preconceitos vivenciados no cotidiano que é invisibilidade e a importância de se reconhecer como cidadã. Surge então, a necessidade de se dar um basta nas depreciações que violentam a estima e adoce a vida das mulheres.

Houve vários depoimentos das agricultoras sobre sua história de vida, suas dificuldades e superações que deram um outro rumo para suas vidas.

O evento contou com muita animação e atrações culturais, como samba de roda, poesias, mostra de artesanatos e cantigas populares. A participação de sanfoneiro, cantoras e tocadores foi fundamental na animação.

A proposta é que essa atividade faça parte da agenda anual do 8M da Articulação de Mulheres Negras do Baixo Sul.



## MULHERES NEGRAS DO BAIXO SUL EM AÇÃO

A Articulação de Mulheres Negras do Baixo Sul (AMNBS), neste ano de 2022, mesmo neste contexto de incertezas da pandemia, vem dando continuidade a sua missão de articular mulheres de comunidades negras da região. Com o intuito de fortalecer este movimento de mulheres negras, a coordenação tem se dedicado em aprimorar aprendizagens sobre a gestão coletiva e a formalização deste movimento através da criação de uma Associação da Articulação de Mulheres Negras do Baixo Sul. A ideia é focar na estruturação da Articulação, para isso vem investindo principalmente na composição e formação da coordenação, neste sentido, estão sendo realizadas reuniões e oficinas para a construção da gestão coletiva.

A articulação de mulheres também tem dado continuidade aos processos de formação política e entre as ações realizadas por esse coletivo e apoiado por parceiros, estão:

- O planejamento anual das ações da Articulação para o ano de 2022;
- Reuniões nas comunidades rurais com o intuito de animar a participação de mulheres internamente e na dinâmica dos núcleos da articulação;
- Reunião com os 6 núcleos que compõem o coletivo de mulheres da Articulação, como forma de animar e dinamizar a ação local;
- Oficina temática com mulheres do Assentamento Manjerona, Limoeiro e Comunidade quilombola da Laranjeira sobre o tema: “Terra, Trabalho, Direito de existir, Mulheres em Luta não vão sucumbir” (8M)
- Encontro sobre o tema do 8 de março com o tema “ativismo e autocuidado”(8M);

- Participação em feiras e eventos, com o intuito fortalecer a formação política, da visibilidade a produção e gerar renda;
- Sistematização do projeto masculinidade I (formação envolvendo homens de cinco comunidades);
- Elaboração do projeto masculinidade II e acompanhamento a comissão formado pelos homens beneficiários do projeto masculinidade-I, afim de que eles se tornem multiplicadores de novos projetos em outras comunidades;
- Apoio a encontro com povos de terreiros, sobre intolerância religiosa.



Dentre as ações realizadas pela Articulação, damos destaque para a construção do projeto Masculinidade II, que tem como objetivo a formação política com os homens de comunidades rurais, as quais a Articulação tem atuação. Com a aprovação deste novo projeto a ideia é dar continuidade ao processo de formação com as três comunidades iniciais e ampliar para mais duas comunidade. A proposta é cada vez sensibilizar mais homens sobre a identidade do homem negro, as desigualdades de gênero e sociais, a divisão justa do trabalho doméstico e a violência contra a mulher.

O papel da comissão formada por homens das comunidades tem tido um papel importante no desenvolvimento do projeto, seja na construção

dos conteúdos e metodologia, como na mobilização de outros homens para os processos de formação.

## NOTÍCIAS E AÇÕES EM TERREIROS NO RIO DE JANEIRO

Reabrir as portas dos terreiros com maior segurança sanitária não significa dizer que estivemos em silêncio. Rezas, cantigas, oferendas... Tudo em uma nova realidade. Mas, se não ficamos em silêncio, por outro lado a pandemia silenciou dores antigas a ponto de fazê-las parecer não existir para o outro.

Em 2021, os casos de Intolerância Religiosa no Rio de Janeiro aumentaram 43% em relação ao ano anterior, e em 91% dos casos os ataques foram contra religiões de matriz africana, conforme os dados da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa. De acordo com o Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, ao longo do ano passado foram registradas 1564 ocorrências que podem estar ligadas a crimes de ódio e intolerância religiosa, ou seja, um aumento de 13,3% em relação à 2020 quando a média de casos por dia superou a marca de três casos. Em 2021 foram em média mais de quatro casos por dia. Em relação ao perfil dos agressores há de se destacar que, em 56% das ocorrências o agressor é ligado a igrejas fundamentalistas e um a cada 10 ocorrências contra terreiros estão associadas ao tráfico.

No decorrer deste primeiro semestre, acontecimentos importantes no Estado do Rio de Janeiro merecem destaque, tais como o lançamento do Programa de Proteção à Liberdade Religiosa da Polícia Militar; a aprovação do Relatório Final da CPI da Intolerância Religiosa promovida pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. O relatório consiste em 35 recomendações aos Órgãos Públicos. Entre as recomendações mais importantes estão:

**INCLUSÃO DE LIDERANÇAS RELIGIOSAS FUNDAMENTALISTAS EM INVESTIGAÇÕES DA POLÍCIA CIVIL E MINISTÉRIO PÚBLICO, QUANDO HOVER INDÍCIOS DE SUA PARTICIPAÇÃO COMO MENTOR OU CO-AUTOR DO CRIME DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.**

**CRIAÇÃO DE UMA FORÇA-TAREFA PARA COMBATER A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NAS COMUNIDADES, ONDE PONTIFICAM AS INVASÕES, DESOCUPAÇÕES E DEMOLIÇÕES DE TERREIROS POR PARTE DO TRÁFICO, DE MODO QUE HAJA UM PROTOCOLO NO ATENDIMENTO ÀS VÍTIMAS, ASSIM COMO A POSSIBILIDADE ALUGUEL SOCIAL EM CASOS DE PERDA DE MORADIA.**

**IMPLEMENTAÇÃO DE PROJETOS EDUCACIONAIS NAS ESCOLAS DA REDE ESTADUAL PARA CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE DO PRECONCEITO RELIGIOSO.**

## LUTAS EM PAUTA

Em diversos municípios, as lutas e articulações de terreiros têm gerado alguma movimentação por parte do poder público local. Ainda em 2021 a Câmara Municipal da Cidade de Rio de Janeiro instaurou a Comissão de Combate à Intolerância Religiosa; Niterói também criou a primeira Comissão Municipal de Promoção da Liberdade Religiosa em maio de 2021, e em junho do mesmo ano a Câmara Municipal de Nilópolis solicitou ao governo estadual a implantação do Núcleo de Atendimento às Vítimas de Intolerância Religiosa, no entanto ainda segue sem respostas concretas.

Em Maricá já existe uma coordenadoria municipal de assuntos religiosos, com ações muito tímidas devido ao eleitorado fundamentalista da cidade. A exemplo disto a prefeitura de São Gonçalo instaurou uma coordenadoria deste tipo, e entregou nas mãos de um pastor com posições fundamentalistas.

Em janeiro deste ano, o município de Duque de Caxias inaugurou um polo do Núcleo de Atendimento às Vítimas de Intolerância Religiosa (Navir), parte de um programa do Governo do Estado iniciado ainda em 2020 mas paralisado por conta da pandemia e por falta de vontade política. Caxias é o sexto município a receber uma unidade do Navir.

Outra questão a se destacar é o primeiro ano após a aprovação da Lei Estadual nº 1.772/19 que institui a campanha Abril Verde, como mês de conscientização e promoção da liberdade religiosa nos órgãos públicos estaduais. Apesar da importância da lei, somente a Assembleia Legislativa aderiu à campanha com a realização de uma plenária que homenageou importantes lideranças religiosas de terreiros. Faltou não apenas a adesão de outras instituições importantes, bem como o desenvolvimento de uma campanha massiva.

## LUTAS E PERSPECTIVAS PARA O SEGUNDO SEMESTRE



O segundo semestre trará grandes desafios como a realização de eleições gerais. É fundamental a mobilização das Comunidades Negras Tradicionais para derrotar o projeto racista e fundamentalista defendido pelo atual governo. Para isso, não basta apenas a derrota nas urnas, é preciso força para manter as lutas nas ruas e também encarar como prioridade a ocupação de representantes de terreiros e quilombolas nos espaços políticos de decisão do país. Concomitante ao período eleitoral teremos outro espaço de luta e denúncia de violação de direitos através realização da Cúpula dos Povos Rio +30, em outubro de 2022.

## NOTÍCIAS E AÇÕES EM QUILOMBOS NO RIO DE JANEIRO

Depois de dois longos anos com restrições impostas pela pandemia, todos começam aos poucos a retomada da vida normal. E falar de comunidades quilombolas, significa também falar de lutas, resistências, e garantias de direitos que sempre foram negados, mas que ganharam graves contornos desde o início da Covid-19 nas Comunidades Negras Tradicionais.

Retomar a normalidade só é possível graças à vacinação em massa e a vacinação em massa só foi possível mediante muita luta. No caso das Comunidades Quilombolas do Rio de Janeiro, as mais afetadas pela pandemia, o papel da Associação das Comunidades Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro (Acquilerj) foi fundamental para que suas famílias fossem incluídas no Plano Nacional de Vacinação, assim como tem sido fundamental na luta contra a desinformação e *fake news*.



A retomada requer passos largos e apressados, pois se o cenário já não era fácil antes de tudo o que nos foi acometido nesses tempos, agora há muito mais pelo que lutar. Por isso, em 2022 as Comunidades Quilombolas têm se articulado como nunca frente aos desafios de um ano que exigirá muita mobilização.

Desde o início do ano, a Acquilerj tem reunido importantes parcelas do meio quilombola para discutir as pautas que terão maior destaque este ano.

## ENCONTRO DE MULHERES



Em janeiro, as mulheres quilombolas do estado do Rio de Janeiro se reuniram em formato vir-

tual, conduzido pela presidente Beatriz Nunes, para falar sobre suas necessidades e perspectivas de luta para este ano. Mais de vinte comunidades estiveram representadas por suas lideranças femininas. Entre as questões abordadas, o encontro tratou da necessidade de redes de apoio e solidariedade entre mulheres quilombolas, o significado do feminismo para os quilombos e a necessidade de ocupação e permanência nos espaços políticos de decisão do país.

## ENCONTRO DA JUVENTUDE

Fechando o mês de março, a secretaria de juventude da Acquilerj promoveu o 1º Encontro da Juventude Quilombola do Rio de Janeiro, em formato virtual, pela facilidade em reunir os jovens de diferentes comunidades espalhadas por todo estado.

Cerca de trinta jovens, representando parte das 52 comunidades que integram a Acquilerj, estiveram presentes no encontro. Também se fizeram presentes a Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (Conaq) e o Conselho Nacional da Juventude.



O encontro tratou de temas importantes como o papel da juventude quilombola na luta por direitos, a importância de se ocupar os espaços de decisão de nossa sociedade, bem como a articulação de redes na luta por direitos.

## ENCONTRO DE EDUCADORES QUILOMBOLAS



No mês de abril foi a vez da Educação. Educadores quilombolas estiveram reunidos em seu primeiro encontro, também em formato virtual, para discutir os ataques do governo contra a Educação, bem como definir estratégias para uma educação quilombola em suas comunidades, bem como a aplicação de leis que garantem às pautas contra o racismo e o racismo religioso em sala de aula. KOINONIA esteve presente em todos os encontros realizados, como parceira e facilitadora destes espaços.

## LUTAS EM PAUTA

Em que pese o fato do atual governo não ter titulado nenhum território quilombola até então, em abril deste ano, o presidente da Fundação Palmares assinou uma portaria alterando o processo de autorreconhecimento das comunidades quilombolas. Essa ação torna o

processo de titulação das terras mais burocrático e menos transparente, pois além de estabelecer novos critérios, também visa revisar os certificados de autodefinição, sem nenhum diálogo previsto para com as comunidades.

O estado do Rio de Janeiro possui 52 comunidades quilombolas mapeadas pela Acquilerj. Destas, apenas duas possuem a titulação das terras. Com a medida, não apenas as comunidades do Rio de Janeiro, mas de todo país se veem prejudicadas em um processo de extrema importância para sua subsistência.

Na ocasião desta medida, outras questões como a falta de retorno por parte do Incra em relação aos processos de regularização do território, bem como a paralisação do Programa de Crédito de Habitação para quilombolas, somado à luta por Reforma Agrária proporcionaram a constru-

ção de um ato em frente à sede do Incra, organizado em parceria com o MST-RJ.

O crescimento de ameaças contra lideranças quilombolas, é também um dos focos da luta quilombola no Estado do Rio. Diante desta realidade, a Acquilerj tem mantido diálogo permanente com o Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos. Ainda no mês de abril, a vice-presidenta Luci Muniz reuniu-se com representantes do Governo Federal, Governo do Estado, MPF e Universidades, na Comunidade Quilombola de Machadinha, para tratar de Políticas Públicas voltadas para as comunidades.

## ELEIÇÕES 2022 E AS COMUNIDADES NEGRAS TRADICIONAIS



Neste ano teremos eleições para presidente, senador e deputados estadual e federal. Muitas informações circulam nas comunidades durante este período, candidatos fazem promessas e, de certa maneira, criamos expectativas para mudanças no cenário político atual.

É importante ficarmos atentos às notícias que recebemos e repassamos nos grupos do “zap”. Temos que verificar se as informações são verdadeiras para não propagarmos notícias falsas.

É importante sabermos as atribuições do presidente, deputados e senadores para que possamos fazer a escolha dos candidatos de acordo com as propostas que sejam mais coerentes com as demandas das comunidades.

O presidente da República é o chefe do poder executivo e representante público mais importante do país. Ele representa o poder do povo, é o principal articulador das demandas po-

pulares com o Estado. Também nos representa perante os outros países e é responsável pela formulação de políticas públicas, econômicas e sociais. Por isso, na hora da escolha do seu candidato, é importante verificar se ele defende os interesses da sua comunidade.

A mesma dica vale para a escolha de deputados e senadores. Os deputados estaduais, federais e senadores têm como principal função legislar, isto é, criar e alterar leis. Os deputados também fiscalizam a atuação do chefe do executivo, ou seja, os deputados federais fiscalizam a atuação do Presidente da República e os deputados estaduais fiscalizam a atuação dos governadores dos seus estados.

Os deputados estaduais representam o povo na Assembleia Legislativa e os deputados federais na Câmara dos Deputados. Tanto os deputados federais quanto os deputados estaduais possuem mandato de quatro anos. Já os senadores, além de atuar como legisladores, também fiscalizam a atuação do Presidente, possuem mandato de 8 anos.

Se a principal função deles é criar e alterar leis, fique esperto se algum candidato aparecer prometendo coisas diferentes disso, como asfaltamento de estradas, consultas médicas, transporte, ajuda financeira, etc. Práticas de suborno, obtenção de vantagens é crime de corrupção tanto para quem oferece (corrupção ativa) como para quem recebe (corrupção passiva).

Cada estado possui três senadores e a cada quatro anos há eleições para senador. Neste ano vamos eleger um senador e na próxima eleição

votaremos em dois senadores. Já a quantidade de deputados varia de estado para estado, tanto os federais quanto os estaduais. Ganha as eleições para presidente e senador, o candidato que tiver mais votos porque o sistema eleitoral é majoritário. No caso dos deputados, o sistema é proporcional, o que significa dizer que dentre a quantidade de vagas disponíveis na assembleia ou na câmara, será apurado a quantidade de votos de cada partido e assim as vagas serão distribuídas considerando o quociente partidário.

Já reparou que, às vezes, existem candidatos a deputado que possuem mais votos que outros, mas não conseguem a vaga na assembleia legislativa ou na câmara dos deputados? É por causa desse tal quociente partidário que determina a quantidade de cadeiras que cada partido terá e dentre os candidatos do mesmo partido, sentam aqueles que tiverem mais votos. O voto no Brasil é obrigatório, porém é mais um direito do que um dever! Porque é através das eleições que podemos mudar a realidade que estamos vivendo, elegendo os nossos termos representação política e através dessa representação adentramos os espaços de poder para transformar as estruturas sociais.



Se desejamos uma sociedade mais justa, solidária, comprometida com o bem comum e que respeite as diferenças, precisamos ocupar os espaços de representação política fortalecendo as lideranças das nossas comunidades e votando em candidatos que representam nossos interesses.

Devemos observar os partidos que estes candidatos são filiados porque cada partido tem

valores específicos e, muitos deles, não são compatíveis com o modo de viver das comunidades tradicionais, por isso, é importante levar em conta o partido quando estiver escolhendo seu candidato.

Precisamos fazer escolhas com estratégias para termos chances reais de garantir representantes que defendam nossos interesses e não sejam contrários a nós nos espaços de poder.

## ENTREVISTA

# MULHER, PRETA, CANDOMBLECISTA E BISSEXUAL: A PESQUISADORA ANA GUALBERTO ENCABEÇA NOVA DIRETORIA DE KOINONIA



Quando Ana Gualberto entrou em KOINONIA, há 20 anos, para trabalhar na Jornada Ecumênica, jamais imaginou que ficaria tanto tempo e que, duas décadas depois, seria a diretora executiva da instituição.

A nomeação ocorre em um período no qual o debate sobre diversidade e gênero se faz cada vez mais urgente, e seu percurso ao longo dos anos a colocou no novo cargo.

Ana fez tudo em KOINONIA, "só não fez lavar banheiro", como ela afirma. Do que era para ser uma curta estadia, passou a se envolver nas diversas frentes de trabalhos e foi alcançando voos.

"Acho muito interessante uma instituição que nos permite sair de um lugar e ocupar outros. Tem a ver com processo de formação dentro da instituição, processos de formação pessoal, capacidade técnica e uma série de questões, mas é interessante pensar na capacidade de construir trajetórias dentro de uma organização", explica.

Formada em História e mestre em Cultura e Sociedade, Ana começou sua trajetória profissional aos 16 anos de idade, quando foi educadora popular em um projeto de alfabetização de jovens e adultos, na comunidade da Vila Cruzeiro, no Rio de Janeiro. Posteriormente, trabalhou com crianças até chegar em KOINONIA.

Foi na instituição que teve seu primeiro contato com comunidades remanescentes de quilombo e de terreiros, contatos esses que a impactaram não somente na sua vida profissional, mas também em sua vida pessoal.

Trabalhando nos quilombos, percebeu a necessidade que tinha de ser o fio condutor que ajudaria a construir a mudança naqueles locais

**VOCÊ É UMA MULHER PRETA E PESQUISADORA, QUAL FOI O SEU PRINCIPAL OBJETIVO QUANDO DECIDIU ENTRAR PARA A ACADEMIA, UM ESPAÇO TÃO POUCO OCUPADO POR CORPOS PRETOS?**

"Teve muito a ver com a necessidade de produzir alguma coisa que trouxesse para o ambiente acadêmico esse lugar no qual eu estava circulando, que são as comunidades quilombolas. Então o meu objetivo era levar para a academia um pouco desses lugares a partir de uma outra narrativa. Sem nenhum pro-

e, assim, levar as narrativas daquelas comunidades para a academia, local majoritariamente branco e racista. Mas apesar da sua participação, tem consciência de que não é a porta-voz de ninguém, "pois as comunidades precisam falar por si", afirma.

Nas comunidades de terreiro, ficou defronte com sua ancestralidade religiosa e, ela que era pertencente à Igreja Presbiteriana Unida, se descobriu filha de orixá, se iniciando no candomblé há 12 anos.

"Minha atuação na militância sempre esteve ligada às questões que falam diretamente a mim, com as comunidades vulnerabilizadas e com a população negra. Logo de início me identifiquei com as comunidades quilombolas e, posteriormente, abri mais um leque ao conhecer as comunidades de religião de matriz africana, na qual agora eu acho o meu lugar, retorno para a minha ancestralidade, para o meu culto ancestral, cuidando de orixá", diz.

**Nesta entrevista você conhecerá um pouco mais sobre essa mulher e sobre seus planos para a instituição.**

blema eu digo que a minha escrita não é uma escrita acadêmica, assim como não é informal, é uma escrita direta e que comunica. A academia precisa se adaptar, porque o que ela produz precisa ser utilizado pelas pessoas. O meu objetivo sempre foi produzir coisas que tivessem uso, não para guardá-las. Sempre quis colocar dentro da academia, no embate com quem está só nos escritórios acadêmicos, a visão de quem está com os pés fincados nas comunidades."

**VOCÊ ALCANÇOU O SEU OBJETIVO, DE COLOCAR AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DENTRO DA ACADEMIA E DE PRODUZIR UMA NARRATIVA QUE TEM USO?**

"Acho que estamos no caminho. Essas vozes precisam ecoar através dos próprios quilombolas e das pessoas que integram as comunidades de terreiro, e isso tem acontecido. Dentro das universidades tem muita gente que pertence a esses grupos e estão lá para fazer valer as suas narrativas, e isso é muito importante. O nosso papel de organização e assessoria é ajudar na mediação enquanto essas pessoas não estão lá, porque o protagonismo é delas. Então eu espero que o meu trabalho tenha algum tipo de uso, e que sirva também para incentivar que essas pessoas estejam nesse lugar. A academia ainda é um espaço muito branco e muito racista, e a gente ainda precisa criar critérios para a entrada de professores e demais ações que permitam que a academia expresse a pluralidade existente no Brasil, pois isso ainda não existe. O Brasil é um país de hegemonias, vemos nos lugares de tomada de decisões um padrão branco e heteronormativo.

**PENSANDO NO SEU NOVO CARGO, COMO FOI CHEGAR À DIRETORIA EXECUTIVA, SENDO UMA MULHER PRETA E CANDOMBLECISTA?**

"Uma hora a gente não tem mais para onde ir, então ou eu assumia esse lugar da direção executiva em uma perspectiva de ajudar na mudança da instituição, ou permanecia no lugar onde eu estava, que era na coordenação de projetos. Eu acho que quando opta por tirar um perfil de diretoria executiva e colocar outro,

O nosso povo só é totalidade quando se trata de vulnerabilidade, pobreza e violência. A utopia da democracia é que o Brasil tenha em todos os espaços a mesma diversidade que existe na população. A academia ainda é um espaço muito branco e muito racista, e a gente ainda precisa criar critérios para a entrada de professores e demais ações que permitam que a academia expresse a pluralidade existente no Brasil, pois isso ainda não existe. O Brasil é um país de hegemonias, vemos nos lugares de tomada de decisões um padrão branco e heteronormativo. O nosso povo só é totalidade quando se trata de vulnerabilidade, pobreza e violência. A utopia da democracia é que o Brasil tenha em todos os espaços a mesma diversidade que existe na população."



KOINONIA reafirma o seu compromisso com as possibilidades de mudanças constantes. Esse já é um movimento que vem acontecendo em outras instituições, primeiro com a inserção de mulheres e depois pensando no quesito da raça, afinal essas pessoas têm cor e identidade, precisam dialogar também. Existe uma estratégia verdadeira de mudança e que tem sido abraçada pela instituição como um todo. KOINONIA precisa ser para dentro o que ela é para fora no seu compromisso de trabalho e isso vem se desenhando."

## COMO VOCÊ ACHA QUE A SUA FUNÇÃO DENTRO DA ENTIDADE IRÁ IMPACTAR OS TRABALHOS QUE KOINONIA TEM, PENSANDO NO VIÉS DE GÊNERO E RAÇA?

"A nova diretoria nos traz especificidades bem interessantes! Temos um bispo da Igreja Anglicana que é negro e nordestino, temos uma vice-presidente que é teóloga e negra, um vogal que é bispo da Igreja Metodista e negro, uma militante do meio-ambiente, um anglicano, que

## QUAIS SÃO OS SEUS PLANOS PARA A INSTITUIÇÃO NOS PRÓXIMOS MESES, PROJETOS E AFINS?

"Estamos trabalhando em busca de novos financiamentos, fazendo ajustes internos, debatendo sobre a elaboração de uma política de equidade racial... Estamos fazendo uma modificação interna, arrumando a casa, não que ela estivesse bagunçada, mas colocando ela um pouco do nosso jeito, porque é assim que fazemos quando mudamos para uma casa. Algumas coisas eu já vinha dialogando com o

é ativista do movimento LGBTQIAP+, um pastor negro e militante, uma mulher branca e candomelecionista e um psicólogo e professor universitário, ou seja, temos uma diversidade. Ainda não temos o peso que queremos dessa diversidade, ainda precisamos escurecer mais essa diretoria, ter mais pessoas negras, mais mulheres... Garantir uma mistura de regiões geográficas... Trazer para a diretoria uma diversidade de pensamentos, mas estamos no caminho."

pessoal da organização antes mesmo de imaginar ocupar o lugar da direção executiva. Então estamos nesse diálogo de objetivos de curto, médio e longo prazo. A estruturação de equidade racial, política de gênero, adequações que precisaremos fazer... Tudo isso está nos planos, além da busca de melhorias que precisamos fazer para as equipes que trabalham na instituição. Precisamos pensar que trabalhamos com direitos, então não podemos ser algozes dos nossos. É um desafio muito grande equalizar isso tudo, nunca foi fácil, mas acreditamos que é possível. Seremos essa mudança, essa transformação na prática."



# EM PARCERIA COM AS COMUNIDADES NEGRAS TRADICIONAIS



BAHIA



RIO DE JANEIRO



O trabalho de KOINONIA com as comunidades negras tradicionais, comunidades remanescentes de quilombo e terreiros de religião de matriz africana tem sua base nas parcerias. Organizamos nossas ações a partir da organização local, seja ela um coletivo, associação, grupo religioso, grupo social ou cultural, ou outra forma de ação coletiva. Buscamos com nosso trabalho contribuir com os processos de consolidação da autonomia dos mesmos, mantendo a troca e construção conjunta como definidora de que caminhos percorreremos juntas. No estado do Rio de Janeiro, acompanha-

mos as comunidades quilombolas por meio de diálogo com a Acquirerj e com as lideranças comunitárias, dialogamos também com o movimento inter-religioso com diversas iniciativas e espaços de diálogo. Na Bahia, atuamos em Salvador e região metropolitana junto a comunidades religiosas de matriz africana. Na região do Baixo Sul atuamos acompanhando comunidades quilombolas e comunidades negras rurais. Iniciamos em 2019, acompanhamento na região do Velho Chico em diálogo com o Conselho Estadual Quilombola da Bahia.

**Editores:** Ana Gualberto e Rafael Soares de Oliveira

**Redação:** Ana Celsa Souza, Ana Gualberto, Camila Chagas, Luciana Faustine, Pedro Rebelo e Rafael Soares de Oliveira

**Revisão:** Ana Leticia Ribeiro

**Projeto gráfico e diagramação:** Ana Leticia Ribeiro

**Fotos:** Acervo Koinonia



**Contato:** administracaoba@koinonia.org.br OU comunica@koinonia.org.br

**ACESSE:**  
**KOINONIA.ORG.BR**



/KOINONIA PES



@KOINONIA\_PES



@KOINONIA PES



/KOINONIA PRESENÇA ECUMÊNICA E SERVIÇO

**Apoio:**

**Brot**  
für die Welt

HEINRICH BÖLL STIFTUNG  
BRASIL

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço - ACT Aliança

- Rio de Janeiro: Rua Santo Amaro, 129 - Glória - Rio de Janeiro / CEP: 22211-230

- Salvador: Rua da Força nº 39 - 5º andar, sala 505/ Salvador - BA/ CEP 40 060-340

- São Paulo: Rua do Carmo, 56 - sala 204 - Bairro Sé, São Paulo - SP/ CEP: 01019-020